

# Origem dos textos

## The origin of texts

## El origen de los textos

Milton Schwantes

### RESUMO

Este ensaio pretende discorrer sobre a origem do texto de Êxodo 1-15, deslocando-o do contexto da teoria das fontes e inserindo a discussão a partir das vertentes sociais e econômicas que proporcionaram a geração do texto. Discorre, assim, pelo conceito da guerra santa nos ambientes tribais, pela realidade dos trabalhadores oprimidos pela escravidão e trabalhos forçados e pela presença das mulheres em momentos decisivos da história do povo, além das questões proféticas e de memória. Essas chaves de leitura pretendem, assim, situar o estudo das origens dos textos de Êxodo 1-15, sem focar na busca pela autoria do mesmo.

**Palavras-chave:** Hermenêutica bíblica; êxodo 1 a 15; Autoria(s) de Êxodo; trabalhadores forçados em Êxodo; mulher em Êxodo.

### ABSTRACT

This essay aims to discuss the origin of the text of Exodus 1-15, displacing it from the context of the theory of sources and inserting it in the discussion from the social and economic aspects that provided the creation of the text. The author introduce, thus, the concept of holy war in tribal environments, the reality of workers oppressed by slavery and forced labor and the presence of women at decisive moments in the history of the people, besides the issues of memory and prophetic. These keys readings thus intend do situate the study of the origins of Exodus 1-15 , without focusing on the search for its author.

**Keywords:** Biblical Hermeneutics; Exodus 1-15; author (s) of Exodus; forced laborers in Exodus; women in Exodus.

### RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo discutir el origen del texto del Êxodo 1-15, desplazándolo desde el contexto de la teoría de las fuentes y insiriendo-o en la discusión de los aspectos sociales y económicos que proporcionan la generación del texto. Discurse, por lo tanto, el concepto de guerra santa en ambientes tribales, la realidad de los trabajadores oprimidos por la esclavitud y el trabajo forzoso y la presencia de las mujeres en los momentos decisivos de la historia del pueblo, además de los problemas de memoria y profética. Estas lecturas claves intendem situar el estudio de los orígenes del texto de Êxodo 1-15, sin centrarse en la búsqueda de la autoría de lo mismo.

**Palabras clave:** Hermenéutica Bíblica; Êxodo 1-15; Autor (s) Êxodo; trabajadores forzados en Êxodo; mujeres en el Êxodo.

A pergunta pela origem de Êxodo 1 a 15 é importante. Por certo, é difícil responder, pois encontramos-nos diante de literatura anônima. Colocando em debate esta questão, não pretendo<sup>1</sup> descobrir a intenção do autor do texto. A pergunta pela origem de um texto, de modo algum, coincide com a busca pela intencionalidade de quem o anotou. Ao procurar identificar o nascedouro de Êxodo 1 a 15, trato de localizar as narrações sobre a libertação. Contextualizo-as. A pergunta pela origem é, pois, a pergunta pelos setores sociais e as lutas populares que geraram e criaram os textos. Esta questão é deveras difícil. Por certo, não lhe estarei fazendo justiça nas anotações que seguem. Permaneço fragmentário. Restrinjo-me a apontar algumas possibilidades. Indicarei pistas e probabilidades.

### **Camadas literárias?**

Não deveremos atribuir os textos ao “javista”, ao “eloísta” e ao “escrito sacerdotal”? É sabido que a teoria das fontes atribui Êxodo 1 a 15 a estes três “autores”. Há também variantes. Alguns adicionam aos três documentos mencionados uma quarta fonte, cuja origem atribuem a setores do seminomadismo. Esta teoria fornece uma valiosa contribuição para explicar a redação de nossos capítulos. Contudo, os conteúdos destes são bem anteriores a sua fase redacional, na qual teriam atuado o javista, o eloísta, o escritor sacerdotal e outros escritores. Por isso, ao tratar de detectar a origem dos capítulos 1 a 15, não é suficiente identificar seus autores literais. Bem mais relevante é, neste caso, a fase precedente às anotações escritas.

Portanto, passamos a perguntar: Quem transmitiu e preservou os conteúdos de nossos capítulos antes de virem a ser textos escritos? Interessam-nos, pois, os “autores” da memória da libertação. Creio que este tipo de perspectiva inclusiva ajuda a redimensionar a “teoria das fontes”, que, inclusive, está em crise. Há quem, em geral, ponha em dúvida a existência do “javista”, do “eloísta”, e do “escrito sacerdotal”. Além disso, entre os pesquisadores não existe consenso quanto à pertença dos textos. Para uns, seria do “javista” o que para outros é do “eloísta”. E, por fim, apresenta fortes marcas de uma unidade bastante coesa. As rupturas entre uma unidade menor e outra diferença entre perícopes não são nítidas como no livro do Gênesis. Hoje, tais observações que põem em crise a “teorias das fontes” tendem a aumentar. Para isso, inclusive convém que não só se busque identificar os “autores” dos textos, mas que também e em especial se trate de localizar os “portadores” da memória do Êxodo.

---

<sup>1</sup> Mantivemos a primeira pessoa singular da versão original (o editor).

## **A “guerra santa” como âmbito da memória do êxodo**

Conteúdos muito significativos do êxodo libertador foram preservados e transmitidos no âmbito da assim chamada “guerra santa”. A “guerra santa” é parte da mística de camponeses e lavradores. É um costume clânico-tribal. Quando uma aldeia ou tribo fosse atacada por algum invasor, seus vizinhos acorriam para a defesa. No-lo contam textos como Juízes 4 a 5 e 6 a 8. A tais guerras de autodefesa camponesa de interajuda tribal podemos denominar “guerra santa”.

Dois conteúdos especialmente relevantes em Êxodo 1 a 15, em todo caso, têm seu “lugar vivencial no contexto das guerras santas. Refiro-me ao cântico de Miriã, em 15.20-21 e o episódio da passagem pelo mar, em Êxodo 13.17 até 14.31. O cântico de Miriã – tido como um dos textos mais antigos a respeito do êxodo – originalmente era usado nas festividades de recepção dos camponeses, em seu regresso dos combates. Nesta ocasião, as mulheres lavradoras entoavam hinos de júbilo. Comprovam-no passagens como 1 Samuel 18.7; 21.11; 29.5. A narração sobre a passagem pelo mar (Êx 13.17 até 14.31) tem as marcas típicas de uma guerra santa. Os dois grupos – os egípcios de um e os hebreus de outro lado – estão armados. Posicionam-se frente a frente. Moisés pronuncia o discurso do comandante, preparando os seus para o combate que «Javé pelejará por nós» (Êx 14.14). Sob a influência da guerra santa, também está o cântico de Moisés (15.1-19). É o que evidencia o v.3: “Javé é homem de guerra!”

Também o episódio da desobediência das parteiras (1.15-22), de certo modo, situa-se no âmbito da guerra santa. Por fim, aos olhos de faraó, os hebreus representam uma ameaça militar (1.10). É o que desencadeia a repressão, dando origem ao processo de libertação. Portanto, o cenário do êxodo é de combate. Vários de seus textos foram memorizados neste contexto de lutas e pelejas.

## **Experiência de trabalhadores forçados**

Realidades da vida camponesa também espelham o capítulo 5. Mas, desta vez, o texto não nos situa no contexto da guerra santa. Seu assunto é, antes, o trabalho forçado ou a corveia. Em tempos bíblicos, os monarcas do Antigo Oriente costumavam requisitar seus súditos para a construção das grandes obras públicas (palácios, templos, cidades) Faziam-no com uso de força. Via regra, o recrutamento era feito sob coerção militar. Afinal, os lavradores teimavam em não se submeter aos caprichos e luxos dos soberanos. Tal resistência camponesa ao trabalho forçado não é desconhecida de diversos episódios da própria história de Israel. Refiro-me, por exemplo, à rebelião de Jeroboão contra Salomão (1Rs 11.26-28), à separação entre Israel e Judá (1Rs 21), à crítica profética contra Jerusalém (Mq 3.10; Jr 22.13-17).

Êxodo 5 situa-se neste contexto. Corresponde à experiência do povo da terra (Êx 5.5). É a parte da memória de lavradores em sua resistência contra o recrutamento para o trabalho forçado. Alguns versículos do capítulo 1 também cabem neste ambiente. Refiro-me aos v.9-14. Contudo, há significativa diferença entre estes versículos do capítulo 1 e o capítulo 5. Este apresenta toda uma narração a respeito das negociações por ocasião do trabalho forçado. Aqueles reúnem breves informações. Êxodo 1.9-14 tende mais para a listagem, enquanto que Êxodo 5 conta o episódio. Em todo caso, ambos têm por base a experiência de trabalhadores forçados.

### **A derrocada de faraó: memória de mulheres!**

Acima, já destaquei que Êxodo 15.20-21 provém de mulheres. Lembro também que esta é, muito provavelmente, a informação mais antiga sobre a libertação dos hebreus. Há quem a situe no século 12! Portanto, desde seu início, as mulheres são portadoras e divulgadoras da memória da libertação. Mas, a participação das mulheres não se restringe ao cântico de Miriã, no capítulo 15. Nos capítulos 1-2, a presença e a eficiência de mulheres são decisivas! Tanto a história das parteiras (1.15-22) quanto a das mães (2.1-10) não só têm mulheres como personagens centrais. São elas que tudo decidem! Estas histórias também são voz de mulher. Não foram criadas por homens, porque seus pormenores não correspondem à experiência masculina. Na memória do povo, as mulheres deram início à resistência e à oposição ao faraó. Deram sustentação à luta pela libertação.

Neste contexto, cabe mencionar também Êxodo 4.24-26. Trata-se de uma cena de difícil interpretação. Está situada no regresso de Moisés para o Egito após sua vocação. Acompanham-no Zípora e Gérson. Os versículos em questão tematizam a circuncisão do menino Gérson. Zípora circuncida seu filho. Isso chama a atenção, pois costumeiramente a circuncisão é feita por homem, de preferência por um sacerdote. Portanto, a memória do êxodo inclusive atribui funções sacerdotais à mulher! Convém que aqui também se aponte para Gênesis 12.10-20, outra história, na qual o êxodo libertador tem a mulher (no caso: Sara) como sujeito. Pelo visto, na memória do êxodo as mulheres não só desempenham papéis centrais. Elas mesmas são formuladoras e sujeitas desta memória.

### **A mística profética anima o projeto do êxodo**

A tradição profética marca nos capítulos 3 a 4. Em suas imediações, também se encontra o capítulo 6.2-13, se bem que este trecho tenha suas peculiaridades, sendo inclusive de outra época. Nos capítulos 3-4, Moisés é vocacionado qual profeta. É-lhe proposta a tarefa, como em Amós 3.7-8 ou 7.15. O vocacionado reage com dúvidas e evasivas, como em Jeremias 1.4-10. Javé esboça todo seu projeto, como em Isaías 6.11-13. Até mesmo

a fórmula do envio de mensageiro está presente em Êxodo 3.15-16. De fato, Êxodo 3, 4 e 6 apresentam Moisés como profeta libertador.

Contudo, há uma particularidade nos capítulos 3 e 4. Neles, predominam perguntas e respostas. Seu estilo é dialogal. Estes capítulos parecem dever sua origem a todo um grupo que, nesse “diálogo teológico”, apresenta sua compreensão de profecia. De fato, os capítulos 3 e 4 têm as características de um «mutirão teológico». Na base dos capítulos 3, 4 e 6 está a experiência do ministério profético. Os idealizadores destes textos foram círculos de profetas. A terra que mana leite e mel é o conteúdo de sua mística.

### **Um memorial para pastores e lavradores**

Festas religiosas nem sempre se desenrolam junto ao santuário. Há também festas marcadamente populares. Aliás, as mais celebradas costumam ser de origem popular. A páscoa é festa do povo, em especial das famílias. Para comemorá-la, reúne-se a família. Também se tentou incorporá-la aos ritos dos santuários. A primeira notícia a respeito encontra-se em Êxodo 23.15.

Portanto, em parte, a Páscoa era festa de família; em parte, rito de templo. Esse duplo uso da festa entende-se melhor quando a gente percebe em Êxodo 11-13 que a páscoa, na verdade, contém dois momentos diferentes. Por um lado, celebra um cordeiro. Por outro, comemora pães asmos. O cordeiro pertence ao âmbito da família; os pães asmos são da esfera da assembleia, do santuário. O cordeiro pascal representa um costume pastoril. Os pães asmos são um rito camponês. Portanto, na festa da páscoa encontram-se pastores e lavradores. A páscoa é o memorial desta gente! Em Êxodo 1.1-13 a celebração pascal – tanto no que diz respeito ao cordeiro, quanto aos pães – é rito de família. Ainda não está amarrada ao santuário. Em Êxodo 1 a 15, a páscoa está conectada aos “sinais e milagres”, às assim chamadas “pragas”. Antes de concluir nossas breves anotações sobre a festa, convém integrar algumas observações sobre os “milagres”.

### **Uma liturgia profética?**

Os “milagres” constituem o maior conjunto literário em Êxodo 1-15. Seu início está no capítulo 6, sua conclusão, no mínimo, no capítulo 13, uma vez que a páscoa ainda é parte dos “sinais”. Infelizmente, é difícil identificar a origem deste grande conjunto dos “sinais”. Há três pistas que nos podem ajudar na localização.

Primeiro, páscoa e sinais estão bastante ligados. Em meio à festa, acontece o “sinal” da morte dos primogênitos. Isso não significa que páscoa e “milagres” desde sempre estivessem interligados. Num passado

mais remoto, podem ter sido tradições independentes. Isso até me parece bastante provável. Porém, no estágio em que se encontram nossos capítulos 6 a 13, páscoa e “sinais” já estão conjugados. Por seguinte, o lugar vivencial da páscoa também é o dos “sinais e milagres”.

Segundo, as “pragas” têm uma tonalidade litúrgica. Repetem sequências similares. Retomam refrões. A frase “o coração de faraó se endureceu” funciona como estribilho. Quem teriam sido os liturgos da festa? Quem teriam contado os “causos” que “convenceram” o faraó a que permitisse a saída? Possivelmente foram os próprios pais da casa e, em sua continuidade, grupos levíticos.

Terceiro, os “sinais” refletem teologia profética. Afinal, foram profetas os que mais claramente se opuseram aos governantes. Foram eles os que mais conheciam os corações de reis e faraós. Sabiam do endurecimento desta gente (Is 6.9-10). Portanto, os “sinais e milagres” são parte da liturgia da páscoa. Enquanto esta é o rito memorial, comemorado preferencialmente por pastores (cordeiro) e por lavradores (pães), aqueles são os incidentes memoriais recitados por ocasião das festividades. O cântico de Moisés (Êx 15.1-19) também poderia ter sido sua origem em grupos similares aos da liturgia das “pragas”.

### **Em resumo**

Quis dirigir a atenção às tradições contidas nos textos. Minha preocupação não eram os redatores finais, mas os idealizadores – criadores, formuladores originais e primeiros dos conteúdos, das tradições, das experiências. Procurei regredir para a fase anterior à anotação escrita. Tal empreendimento é difícil. Tende a permanecer hipotético. Isso não o invalida. Porém, indica seus limites.

Tratei de abreviar. Assinalei para algumas pistas e probabilidades. Agora, no final, trato de agrupar. O nascedouro das tradições e dos conteúdos, contidos em Êxodo 1-15, em todo caso, não está nem em palácios e nem em templos. Estes textos ‘nasceram na manjedoura’. Provêm da vida do povo. O campesinato é o âmbito dos textos. Ora, os lavradores e as lavradoras são diretamente responsáveis pela formulação dos conteúdos. Ora setores sociais vinculados aos camponeses, como levitas e profetas, o são.

As experiências da “guerra santa” foram locais bastante privilegiados para a rememoração dos episódios ocorridos aos hebreus no Egito. A autodefesa contra invasores prepotentes trazia à memória a estupenda derrota de faraó. Por ocasião da recepção na aldeia, as mulheres cantavam a memória do êxodo, quando Javé precipitara no mar “o cavalo e seu cavaleiro”. Aliás, as mulheres camponesas desempenham um papel deveras importante na fixação da memória da libertação. Contavam de

sua resistência contra as ordens de faraó. Alegravam-se porque suas companheiras hebreias haviam cooptado a própria filha do opressor. E cantavam os estribilhos sobre a saída libertadora.

Profecia e liturgia se associaram, com suas contribuições específicas, às memórias libertadoras de camponesas, lavradores e pastores. Os círculos proféticos criaram, por meio das cenas de vocação de Moisés, uma das peças mais claras e bem formuladas de toda nossa Bíblia. E os liturgos levíticos celebraram, na liturgia dos “sinais”, uma das contestações mais radicais aos poderosos. Tanto esta profecia quanto a liturgia não deveriam ser lidas sem enraizamento nas lutas camponesas, em meio às quais foram fermentadas.

Êxodo 1-15 tem sua origem na memória. E esta memória está empregada das experiências dos setores populares e camponeses.